

Emoções e afetos na rede: #vaitershortinhosim

Emotions and affections on the net: #vaitershortinhosim

Samara KALIL¹

Resumo

O presente artigo objetiva a identificar e analisar emoções e afetos presentes na disputa política travada por jovens estudantes de Porto Alegre/RS ao divulgarem no início do ano letivo de 2016 um manifesto acompanhado de abaixo-assinado online sobre igualdade de gêneros e autonomia corporal. Por meio da hashtag #vaitershortinhosim, o manifesto viralizou em redes sócias, sites, portais e blogs de relevância. Para isso, além de ressaltarmos quais foram as emoções encorajadas e valorizadas pelas estudantes, faremos um mapeamento de comentários dos internautas junto à fan page do movimento no Facebook.

Palavras-chave: Sociologia das emoções. Feminismo. Redes sociais. Comunicação. #vaitershortinhosim.

Abstract

This article aims to identify and analyze emotions and affections present in the political struggle waged by young students from Porto Alegre/RS/Brasil, that wrote at the beginning of the school year of 2016, a document accompanied by an online petition about gender equality and bodily autonomy. Through #vaitershortinhosim hashtag, the document viralized at members in internet, websites, portals and relevant blogs. For this, and to emphasize what were the emotions encouraged and valued by the students, we will make a reading of the internet 's comments by the fan page of the movement on Facebook.

Keywords: Sociology of emotions. Feminism. Social networks. Communication. #vaitershortinhosim.

Introdução

As discussões em torno de temas sociais que em décadas passadas ficavam restritas aos meios acadêmicos e/ou junto a pequenos grupos ganharam força com a rede

¹ Doutoranda em Comunicação Social/PUCRS. E-mail: samarakalil@gmail.com

mundial de computadores e as mídias sociais. Inúmeros assuntos e diferentes pontos de vista são amplamente difundidos na internet pelos usuários, quase que instantaneamente, julgados, apoiados e/ou desprezados por um número significativo de pessoas – emoções que antes eram restritas à esfera privada. Alguns temas nascem na rede e a transcendem. Outros ficam somente no virtual e outros, ainda, nascem fora dela e a utilizam como apoio. Independentemente da forma como as discussões/temas/assuntos começam, continuam ou se dispersam, deixam um rastro online que pode revelar afetos e emoções importantes para traçar panoramas de aspectos morais e éticos vigentes.

Com o intuito de compreender essas relações com um viés cultural e político, trazemos para análise um caso ocorrido em 23 de fevereiro de 2016, na cidade de Porto Alegre/RS. Alunas de ensino fundamental e médio de uma das mais tradicionais escolas da capital, o Colégio Anchieta, redigiram uma carta aberta destinada a coordenadores e diretores da instituição e a divulgaram no site change.org, uma plataforma específica para a publicação de abaixo-assinados. No material, intitulado **Vai ter shortinho sim**, as adolescentes – com idades entre 13 e 17 anos – fazem questionamentos sobre postura e valores. Em apenas 24 horas da publicação, o manifesto já contava com 6.000 assinaturas e, no dia 10 de abril de 2016 – última visualização – já era possível calcular 25.560 apoiadores.

Após a publicação, além da reverberação em redes sociais – as autoras criaram uma fan page no Facebook, o que fez com que a ação se espalhasse rapidamente entre os pares e pela rede, transcendendo, assim, as fronteiras do ambiente escolar. Uma manifestação presencial também foi organizada pelas alunas na escola. A atitude das adolescentes fez com que alguns dos principais veículos de comunicação reportassem o fato on-line, incluindo a mídia nacional². O assunto tornou-se de interesse e em debates, programas de rádio e matérias na televisão, o que contribuiu no aumento de apoiadores. Com isso, posicionamentos e opiniões diversas começaram a surgir em um curto espaço de tempo, em especial, na internet.

Buscaremos, por meio de definições e estudos sobre emoções já existentes, entender as evidências sociais contextuais específicas do caso, e identificá-las

² Portais como G1, Zero Hora, Estadão, UOL, R7, Correio do Povo e El País Brasil. Referências disponíveis em: <http://migre.me/tye6B>.

emocionalidades presentes, em especial, o que os diferentes atores que se expressaram pelas redes sociais, apoiados ou não em algum tipo de conhecimento e racionalidade prática, expuseram em seus comentários junto a fan page do manifesto no Facebook³.

As emoções

Na perspectiva de Bendelow e Williams (1998), a trajetória das emoções como objeto de estudos existe desde as contribuições de Marx, Durkheim e Weber. Em suas pesquisas para desenvolver um raciocínio em torno de uma sociologia das emoções, os autores chamam atenção para a errada separação entre corpo e mente, natureza e cultura, razão e emoção e público de privado. E mais, para o caráter histórico de julgamento das sensações privadas, como se elas precisassem ser contidas ou expulsas pela razão (dominante). Dentro dessa perspectiva, entendemos como pertinente trazer o exemplo das emoções ligadas às mulheres, em especial, como a felicidade do gênero foi historicamente normatizada e até mesmo prescrita – a mulher como fonte de felicidade para a família, responsável por ela, não podendo externar suas subjetividades, submissa ao homem.

Seidler (1998), em contraponto, ao discutir o comportamento masculino na sociedade, salienta que “a masculinidade dominante está ligada a uma noção particular de controle, pois é uma questão de mente sobre a matéria e, de provar a masculinidade por meio do autocontrole” (p.192).

Este controle é construído em torno da supressão automática de emoções, sentimentos e desejos, *which are* coletivamente definidos como "inclinações" para Kant. Trata-se de uma forma de auto-regulação e auto-disciplina que Foucault estava explorando em seus trabalhos posteriores, que reconheceu o self como uma categoria ética. Em algum nível, que envolve uma relação de violência, pois temos de silenciar os impulsos da nossa natureza que se considera ser uma ameaça a nossa identidade como seres racionais. Em vez disso, uma masculinidade dominante ensina os homens a se identificar com sua razão e assumir que eles podem controlar suas vidas através de uma só razão. Nós aprendemos a temer as revelações de nossas naturezas, pois servem para ameaçar as identidades masculinas. Esta é tanto uma forma de controle como de dominação (Tradução nossa).

³ <https://www.facebook.com/Vaitershortinhosim-Col%C3%A9gio-Anchieta-478335425702392/?fref=ts>

As mudanças que ocorreram ao longo do tempo, resultantes do movimento social feminista contra, especialmente, a violência masculina, foram desafiando formas tradicionais de uma sociedade patriarcal. Nas instituições sociais, como igreja e escola, o domínio não foi diferente, pois o reflexo dos comportamentos e suas características são na maioria das vezes verticalizados por meio desses centros sociais. De todos os lados, portanto, a mulher foi cerceada emocionalmente ao longo do tempo.

De acordo com Javier Serrano-Puche (2016), existem diversas aproximações teóricas sobre as emoções, umas mais neurobiológicas e outras mais socioculturais. Relacionada à primeira, consideramos os estudos de Damásio (2000). Na busca por compreender os mecanismos por trás da mente e do comportamento, ele constata que, sem exceção, homens e mulheres, independentemente de suas condições – cultural, econômica, cognitivas – têm emoções, e, em sua maioria, buscam uma emoção específica, que é a felicidade, e procuram evitar emoções desagradáveis. Ele postula “existe algo acentuadamente característico no modo como as emoções vincularam-se às ideias, valores, princípios e juízos complexos que só os seres humanos podem ter” (p.55).

Sobre a segunda aproximação, no entanto, Serrano-Puche (2016) partilha o entendimento de Bendelow e Williams (1998), salientando que o estudo das emoções por meio da sociologia das emoções é mais abrangente por levar em conta, principalmente, os contextos sociais nas quais as emoções se manifestam, uma vez que, no seu entendimento, não há uma visão compreensiva que integre todas as disciplinas pelas quais a emoção transita.

Serrano-Puche (2016) destaca que “nas últimas décadas temos assistido também a uma crescente implantação social das tecnologias da informação e da comunicação (TIC)”. Segundo o autor, a tecnologia já está plenamente integrada ao dia a dia das pessoas. A conexão permanente, acompanhada de personalizações e amplas difusões reconfiguram aspectos da vida cotidiana. Ele acredita que as relações das pessoas nos ambientes on-line e off-line já se encontram hibridizadas. Mas alerta:

Ao mesmo tempo, o âmbito digital apresenta peculiaridades próprias, que procedem da sua condição eletrônica e que por sua vez afetam a dimensão emocional de uma pessoa. A vida social tradicional, que é mais lenta e localizada, coexiste com a vida social digital (mais rápida e desarraigada). Assim, portanto, são dois regimes espaço-temporais;

e cada um está acompanhado de seu regime emocional correspondente. O regime emocional tecnológico é, sobretudo, um regime de intensidades emocionais, em que importa a quantidade de emoção, enquanto o regime tradicional é, sobretudo, um regime de qualidades emocionais (Serrano-Puche, 2016 – Tradução nossa)

Quando entendemos que as emoções estão presentes na vida humana e nas relações sociais, concordamos com João Freire Filho (2014), que afirma que a internet é um rico palco onde afloram as mais vastas emoções. Em suas pesquisas, o autor trabalha a questão de blogs, comunidades e fóruns on-line como arquivos inexplorados e verdadeiros tribunais, onde performances, flagrantes e testemunhos emotivos de diversos atores e grupos sociais se revelam.

As manifestações de alegria, asco, rancor ou tristeza costumam suscitar, por sua vez, comentários solidários ou desfavoráveis da audiência virtual. Conhecimentos científicos, a psicologia popular, textos sagrados, o senso comum e experiências biográficas são acionados para embasar a classificação — célere e taxativa — das expressões e das condutas emocionais alheias. (Freire Filho, 2014, p. 1)

Sobre os estudos das emoções, pertencentes à grande área da Comunicação Social, Freire Filho (2016) destaca que é um tema abrangente e que muitas vezes passa despercebido. Para ele, a maioria dos trabalhos costuma relacionar mídia e emoção pelo viés da recepção e do consumo midiático e não como matéria-prima da mídia. Dentro dessa perspectiva, o pesquisador entende a emoção com dois olhares: como uma variável dependente, ou seja, suscetível de ser provocada por aspectos do conteúdo; e como uma variável independente, capaz de impactar fenômenos e práticas comunicacionais. Por isso, o professor propõe uma análise cultural e política das emoções, relacionando-as a produtos históricos que, constituídos socialmente dentro de sistemas e experiências, suscitam importantes manifestações e olhares.

A gramática das emoções vigente em uma sociedade ou em uma comunidade contém regras que variam conforme a condição socioeconômica, o status, a idade e o gênero de seus integrantes — o que equivale a dizer que dinâmicas, expressões e performances emotivas são moldadas por hierarquias sociais e por relações cotidianas de poder (Freire Filho, 2013, p. 3)

Para o autor, ideais e normas emocionais são ajustadas de acordo com as identidades e os papéis considerados convenientes por “guardiões da moralidade e da ordem pública” e, muitas vezes, influenciados pela mídia. As emoções, no caso, aparecem de formas diversas nos discursos, conforme a atmosfera vigente e seus valores.

Árbitros do gosto, experts em etiqueta, guardiões da moralidade e da ordem pública (políticos, juízes, lideranças religiosas ou intelectuais), representantes de especializações científicas consolidadas ou ascendentes articulam ideais e normas emocionais ajustáveis de acordo com as identidades e os papéis considerados convenientes, em determinada conjuntura histórica, para meninos e meninas, homens e mulheres, maridos e esposas, colonizadores e nativos, empregados e empreendedores, entre outras clivagens sociais (Freire Filho, 2013, p. 3)

Reparamos que, em uma sociedade, as mudanças são graduais e lentas. A objetividade, muitas vezes, não dá conta de responder questões historicamente enraizadas no cotidiano. Assuntos que há mais de 50 anos estão na pauta social, por exemplo, seguem em discussão e constroem emoções coletivas em torno deles todo o tempo. Com isso, normas sociais antigas que deveriam ser repensadas sob uma perspectiva ainda mais abrangente de comportamento e moral acabam ficando reprimidas e, quando encontram brechas, manifestam-se com maior força e expressividade, como é o caso dos temas relacionados às mulheres e ao feminismo.

Freire Filho (2013, p. 11), ao estudar amor e ódio nas redes sociais, apoiado na filosofia, na antropologia e na história, estabelece que emoções são “fenômenos sensíveis vinculados a processos avaliativos – incorporam pensamentos a respeito de nosso próprio bem-estar e do daquelas pessoas e coletividades, próximas ou distantes, com as quais efetivamente nos importamos, ainda que de maneira inconsciente”. Portanto, não são apetizes, prazeres, sensações ou humores.

Nas análises do ambiente da internet como um espaço de ativação e expressão de emoções, diversos autores já exploraram afetos em suas pesquisas. Não vamos fazer uma revisão bibliográfica e sim, listar, por meio da pesquisa de Serrano Puche (2016) algumas emoções que aparecem nos estudos. São elas: Empatia, Incômodo, Inveja, Ressentimento, Esperança, Ódio e Pena. Para o autor, o ambiente também permite que as emoções citadas, por exemplo, aflorem em maior ou menor grau, dependendo dos

“fatores de emocionalidade” (Serrano Puche, 2013 apud Gómez-Cabranes, 2013), classificados em possibilidades expressivas de cada um dos ambientes; temas e tópicos da interação; o contexto e o propósito de uso das pessoas; o grau de anonimato; a inversão de tempo ou frequência com que os usuários se conectam.

Tendo o Facebook como palco de interações a serem analisadas em nosso artigo, recorreremos aos estudos das professoras Fragoso, Recuero e Amaral (2015), sobre métodos de pesquisa na rede. As autoras desenvolvem seus argumentos e estudos de redes sociais em torno da Análise de Redes Sociais (ARS)⁴. Apesar de não se referirem ao Facebook em específico, trabalham as redes sociais com o conceito de conexões plurais em ações construídas entre os atores, como os comentários ou as curtidas em postagens.

Esses sites são caracterizados pela construção de um perfil com características identitárias (que são percebidos como atores sociais) e com a apresentação de novas conexões entre esses perfis (as arestas na rede social). Como a internet possui ainda a característica da pertinência das interações sociais, essas são mais facilmente percebidas, gerando novas oportunidades de estudo desses grupos sociais (Fragoso, Recuero e Amaral, 2015, p. 116).

Amaral (2011) aponta que existe uma mescla nos espaços da internet. Multiplicidade e diversidade representam “uma ampla variedade de atores sociais, subculturas, classes sociais e nichos que não estão nem um pouco desconectados do ‘mundo off-line’”; muito pelo contrário, se atravessam em processos e fluxos comunicacionais de contiguidade e de disputa simbólica”. A autora recorre ao aumento crescente das funções de linguagem nas redes sociais para explicar a incorporação dessas no cotidiano.

Nas redes sociais ou plataformas de sociabilidade, desenvolvidas para criarmos e mantermos vínculos, muitas vezes há um condicionamento da capacidade expressiva do usuário – botões de emoções, por exemplo. Contudo, a possibilidade de interação

⁴ “A ARS parte da determinação de uma rede social a partir do objeto do pesquisador. Portanto, nessa abordagem é preciso selecionar o objeto e a forma de coleta de dados antes de iniciar sua análise. Assim um primeiro passo é pensar como serão considerados os atores e suas conexões, ou seja, o que será considerado uma conexão e o que será considerado um ator e em qual medida. (...) Além disso, o pesquisador precisa também selecionar o que será considerado uma conexão: um link, uma quantidade de comentários, comentários recíprocos, ‘amigos do sistema’”. (Fragoso, Recuero e Amaral, 2015, p. 118-119).

através de textos, vídeos, fotos e outros, permite um rico *corpus* para análise das emoções mais conscientes dos atores. Dessa forma, a seguir, sistematizaremos a análise das emoções da seguinte forma: traremos para a discussão alguns trechos do manifesto e selecionaremos comentários que foram direcionados para a fan page, na área “publicações do visitante”, para uma leitura de expressões e palavras que nos permitam identificar emoções, afetos e valores.

Feminismo e manifestações

Para uma visão contextual, buscamos nos estudos sobre sujeito político do feminismo entender como estão colocadas as noções de democracia e autonomia junto às mulheres no Brasil e como o movimento está desenhado. Adrião, Toneli e Maluf (2011) resgatam que desde a década de 70 o que contribuiu e segue contribuindo para o desenvolvimento interno do movimento feminista é a realização de encontros de mulheres e feministas, um espaço de unificação e vivência, focados no fortalecimento e na discussão. Com isso, os movimentos sociais contemporâneos “vêm construindo novas narrativas para a compreensão da complexidade na sociedade globalizada e da informação e da transformação, por vezes, surge como resultado da articulação discursiva e da prática de variados atores coletivos”. Para as autoras, “as temáticas feministas colocam-se em torno de uma busca de transformação social – no sentido amplo do termo – além de procurarem erradicar as desigualdades sofridas pelas mulheres, acarretadas por sua condição de subordinação”.

Galetti (2014) ao estudar um dos principais movimentos feministas globais atuais “A marcha das vadias”⁵, ressalta que o discurso masculino durante séculos apresentou a mulher como inferior ao homem, embasado nas diferenças biológicas para se organizar, com modelos de masculinidade e feminilidade definidos pelas sociedades através de comportamento, vestimentas e atitudes dentro dos parâmetros do patriarcado. Nessa linha, a religião foi central, uma vez que ditava os valores vigentes, as restrições e

⁵“Surgida em 2011 na cidade de Toronto, Canadá, as Slut Walks já atingiram muitos países. Um de seus objetivos é adotar o conceito de “vadia” para se opôr ao estereótipo de culpa que recai sobre mulheres agredidas em função da exposição de seus corpos ou de suas sexualidades, defendendo o direito de autonomia pelos seus corpos. No Brasil, a Slut Walk ganhou o nome de marcha das vadias e já aconteceu em cerca de trinta cidades diferentes. Esse movimento aconteceu como resposta a um policial que afirmou que mulheres que se vestem como vadias são responsáveis pela própria vitimização em ataques sexuais” (Galetti, 2014).

as consequências de estar fora do modelo e, predominantemente, a Igreja Católica era quem confirmava e enfatizava o que era vigente na família. As escolas, em sua maioria, seguiam as mesmas regras, uma vez que eram uma ramificação da igreja, historicamente detentora do conhecimento, dos livros e do ensino.

O movimento feminista da década de 70 enfatizava, principalmente, a opressão machista e a luta pela igualdade, além da falta de autonomia das mulheres pelos seus corpos. De acordo com a autora, o Brasil também contribuiu e mobilizações em favor da emancipação feminina foram sendo organizadas, mesmo em uma conjuntura política ditatorial. Assim, as mulheres passaram a discutir publicamente os valores tradicionais e o conservadorismo.

Ao relacionar os movimentos feministas da década de 70 com a marchas das vadias, Galetti (2014) destaca que as marchas retomam questões como “o prazer das mulheres, a opção sexual, a liberdade e levanta bandeiras como: ‘Meu corpo, minhas regras’ e deixa-se explícito que a liberdade de escolha feminina sobre seu corpo é fundamental dentro deste diálogo”. Entretanto, todas essas pautas já estavam presentes nos movimentos de mulheres das décadas de 70 e 80. Diante disso, o caráter político do corpo feminino fica evidente, e a privação dos direitos de escolha é um fantasma nesse contexto, uma vez que há um controle dos corpos.

Para Gomes e Sorj (2014), nas gerações contemporâneas, o corpo assume um significado mais amplo.

Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. Assim, nas marchas, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a menstruação é positivamente assumida. A nudez, importante instrumento de impacto nas marchas, parece condensar a um só tempo a capacidade de criticar as normas de gênero e de expressar este modo subjetivo de ‘libertação’ do corpo” (Gomes e Sorj, 2014, p.438).

Um fato interessante de movimentos como as marchas, é que eles acontecem em um mundo de conexões em rede. Conexões que mobilizam milhares de pessoas e que

permitem que as discussões e articulações em torno das causas “conversem” com realidades particulares e regionais, buscando caminhos para uma “real autonomia para as mulheres, com novas cores, novas estratégias de militância, utilizando o cyberativismo e as redes sociais como instrumento de disseminação da opressão sofrida pelas mulheres e também como ferramenta de empoderamento feminino” (Galetti, 2014', p. 2208).

Vai ter shortinho?

Ao analisarmos o documento do manifesto⁶, redigido na terceira pessoa do plural, chama-nos a atenção que, ao ser introduzido, refere-se ao machismo e a objetificação e sexualização dos corpos dentro e fora da escola como uma questão histórica não resolvida. Sendo a escola uma instituição social normatizada e secular, captamos que o discurso carrega um certo reflexo de décadas anteriores.

Nós, alunas do ensino fundamental e médio do Colégio Anchieta de Porto Alegre, fazemos uma exigência urgente à direção. Exigimos que a instituição deixe no passado o machismo, a objetificação e sexualização dos corpos das alunas; exigimos que deixe no passado a mentalidade de que cabe às mulheres a prevenção de assédios, abusos e estupros; exigimos que, ao invés de ditar o que as meninas podem vestir, ditem o respeito.

Em um momento latente de empoderamento feminino, com campanhas/discussões massivas sobre abusos, estupros, maternidade e gêneros – como #meucorpominhasregras, #meuprofessorabusador, #meuprimeiroassédio – e muitas outras perspectivas relacionadas ao feminino, como a mulher no mercado de trabalho e independente em diferentes aspectos, as alunas encontram uma abertura para questionar uma instituição religiosa e privada de estudos, mas acima de tudo, apontar um caminho futuro de mudança em normas que vão além do simples shortinho.

Ao se referirem às regras de vestuário impostas pela instituição, transitam pela igualdade de gêneros e, principalmente, focam no respeito entre todos os envolvidos

⁶ Disponível em: <https://www.change.org/p/col%C3%A9gio-anchieta-vai-ter-shortinho-sim>. Acesso em: 12 abr 2016.

sem julgamentos e entrelinhas. Deslocam, ao nosso ver, uma culpa histórica de seus ombros – de que as são as mulheres as provocadoras dos assédios – quando discutem sexualização, aparência e educação. E ressaltam: “Ao invés de humilhar meninas pelos seus corpos, ensinem os meninos que elas não são objetos sexuais”. Referem-se à humilhação de terem de se submeter a regras no ambiente escolar em função de seus corpos femininos, como uma não dignidade, uma imposição relacionada a uma moral retrógrada e preconceituosa que as coloca em uma situação degradante.

No penúltimo parágrafo, fazem uma contextualização argumentativa exemplificando como é importante olhar de forma abrangente para toda a sociedade e vislumbrar um futuro melhor para todos. E finalizam: “nos recusamos a obedecer a regras que reforçam e perpetuam o machismo, a cultura do estupro e *slut shaming*”⁷.


No intuito de identificar as emoções dos internautas em relação ao movimento, coletamos no dia 08 de abril de 2016, os 74 comentários/publicações dos visitantes na página **Vaitershortinhosim - Colégio Anchieta**. Inicialmente, classificamos como apoiador/não apoiador. Destes, 23 pessoas se manifestaram como não apoiadores e 51 pessoas, de alguma forma, se posicionaram como apoiadoras do manifesto. Porém, dentro desse universo, muitas foram as reações. Nas manifestações afetivo-opinativas em defesa do manifesto, preponderaram os comentários com aprovação e incentivo. Nas manifestações contra o manifesto, apesar de alguns comentários terem trazido argumentações e até empatia, a maioria foi visando a atingir e ofender. A seguir, escolhemos alguns comentários para legitimar nossos argumentos⁸. Optamos por utilizar as iniciais dos nomes, uma vez que o Facebook é uma plataforma com login e senha de acesso, disponível para quem faz parte dela.

A expressão de **orgulho**, no sentido de **honra**, nos comentários positivos, despertou, de certa forma, um sentimento de representação e felicidade.

B.A.: Muito lindo gurias, parabéns pelo movimento!! Fico muito **orgulhosa** de ver tanta menina se conscientizando desde cedo por uma sociedade mais justa. Não aceitaremos relações de poder opressoras que só servem para manter os privilégios de quem já possui. E gurias,

⁷ Nota nossa: “slut shaming” é uma gíria na língua inglesa. Traduzido para o português, com base no significado empregado, é fazer com que uma pessoa se sinta culpada por suas ações, como se estivesse violando as expectativas tradicionais de comportamentos sexuais.

⁸ Disponíveis na área de Publicações do Visitante, na fan page Vaitershortinhosim – Colégio Anchieta - <https://www.facebook.com/Vaitershortinhosim-Col%C3%A9gio-Anchieta-478335425702392/?fref=ts>

espero que entendam a importancia desse ato no empoderamento feminino, e peço que apoiem suas colegas com maturidade evitando encarar a situação como uma vantagem para si. Essa é uma conquista das mulheres, para as mulheres.
We can do it!  (sic)

T.B.: Eu queria dizer uma coisa sobre o Vaitershortinhosim - Colégio Anchieta: que **orgulho** gurias! Quem dera eu fosse tão maravilhosamente engajada e consciente do meu papel na sociedade aos 15 anos. Pode não parecer muito distante, mas a gente muda muito em sete anos. Feliz em saber que vem por aí uma geração muito mais esclarecida do que a minha. Invadam a universidade, invadam o mercado de trabalho e sejam MARAVILHOSAS (e maravilhosos também, why not?) como já estão sendo. A revolução será feminista. Estamos juntas! *Emoticon heart*(sic)

D.V.: **Orgulho** mostro de vcs meninas, eu vejo a vida melhor no futuro!!! Parabéns! #vaitershortinhosim #thepowergirls (sic)

M.G.: Meninas vocês estão ARRASANDO! Muito **orgulho** de vocês, sério! Não desistam, não parem, não deem ouvidos a esses caras escrotos que fazem comentários que nos fazem ter vontade de vomitar (**e rezar pra que um meteoro destrua logo a porra toda**), sigam na luta. Resistimos e resistiremos até o fim na luta por equidade! Não se calem JAMAIS! Façam um escândalo! Parabéns por serem a esperança de um futuro mais justo e digno (sic)

No último comentário apresentado, em especial, há uma defesa do movimento de uma forma enfática. Além disso, mesmo apoiando a causa, a **raiva** aparece no trecho negrito, no parêntese feito pelo próprio autor.

Nos comentários dos não apoiadores, o **desprezo** e o **ódio** se fazem presentes no ambiente de interação. Comentários insinuativos e deslegitimando o movimento, com insultos e comparações pejorativas foram identificados. O comportamento sexual e, por outro ângulo, a defesa de um padrão tradicional de recato feminino também apareceram. Expressões como “E a louça tá limpa em casa?”, “escola de pedofilia”, “vagabundas”, “putiada”, “palhaçada” são utilizadas para argumentação.

D. L.: Querem um solução bem simples pro "problema"? UNIFORME e DISCIPLINA. Escola nunca foi lugar de usar shortinhos, a não ser se for **escola da pedofilia**". (sic)

F. P.: **E a louça ta limpa em casa?** (sic)

V. A. G. V.: Só acho que essas **vagabundas** devam mudar de colégio. Que dificuldade há em procurar um colégio no qual se possa usar shortinho? Seus pais não lhes deram educação não? (sic)

F. G.: Uma pergunta pra **putaiada** da escola??pq não usam bermuda larga e confortável?tem q ser shortinho mesmo?? (sic)

Além disso, identificamos postagens que trazem a escola como pano de fundo para defender normas de conduta social relacionadas às vestimentas como um todo e ao comportamento social aceito. Argumentam que a reivindicação do uso da peça de vestuário shortinho é um desvio de conduta, que não pode ser aplicado à vida adulta profissional. E mais, que não se trata de “machismo”. Expressões como: “A situação chegou a tal ponto que, neste domingo, haverá debate público sobre o assunto” aparecem diminuindo a reivindicação do movimento, com um tom de **indignação**. Outra como: “O feminismo nada mais é do que a vulgarização do feminino” acompanhada de “pois é essa sociedade vulgar que o Pt apoia!” demonstram, acima de tudo, uma posição raivosa conservadora e inflexível, que reflete, de certa forma, um descontentamento particular relacionado ao contexto político do País, elencando-o para justificar a não-legitimidade do movimento.

C. D. S.: Agradeçam a escola, ela apenas quer te preparar para a vida.**Acham que é simplesmente machismo?** Quando vocês cresceram e se tornarem "alguém na vida", como será o respeito para com as regras? A escola é o começo da vida profissional de vocês, não é a extensão da baladinha, não é picnic no parque. Pensam que o patrão vai achar lindo o seu shortinho ou que ele vai se importar com o que você pensa de moda ou machismo? O juiz vai achar lindo a moça advogando de shortinho no fórum? Ou a doutora de shortinho realizando a cirurgia, vai ficar lindo? Sua mãe e/ou seu pai estão agora trabalhando, tomando porrada da sociedade o tempo todo para você gastar a grana da mensalidade escolar protestando para usar shortinho? Fala pra sua mãe ou seu pai trabalharem de shortinho também.**Acordem pra vida, para o próprio bem de vocês!**(sic)

E. R.: Até shortinho vira polêmica! (...) E agora essa polêmica causada por alunas do Colégio Anchieta que querem usar shortinho curto dentro da escola. **A situação chegou a tal ponto que, neste domingo, haverá debate público sobre o assunto.** Uma pergunta a alguém que queira responder: Quando você se formar, e for trabalhar numa empresa bacana que você curta.. A grande maioria nao permite que homens trabalhem de regata, bermuda e etc e que mulheres trabalhem de short blusinha muito curta e etc.. Porque?! Pelo assedio? Pelos homens? Logico que nao.. Porque sao **regras de conduta** da

empresa.. Se estão dentro de uma escola particular com regras de conduta tem que seguir galera...Agora, fora da escola e etc com certeza o direito de todos de se vestir como quiser.Um forte abraço a todos! (sic)

A.R.: Vão se inscrever nos colégios ingleses e aposto que não passam do portão. **O feminismo nada mais é do que a vulgarização do feminino.** Em vários países europeus os alunos se vestem como quem um dia vai ocupar um alto posto na sociedade. Aqui querem se vestir como quem vai ocupar os postos das esquinas na madrugada! É isso aí Brasil, vai indo assim, **pois é essa sociedade vulgar que o Pt apoia!** (sic)

Em outras contribuições de internautas, há comparação, qualificação e julgamento, com **desprezo** à causa em questão.

J. O.: Aff tanta coisa séria p protestar , pelo amor de Deus, cresçam um pouquinho e vejam como está nosso país , se depois quiserem protestar , **protestem por coisas sérias !!!** (sic)

I.V.A.: Duvido que se fosse um protesto contra uma greve na escola se todas estariam lá na porta protestando, nunca vi tanto projeto de feminista protestando contra algo tão inútil. **Falta de porrada dos pais em casa transforma gente assim.** (sic)

D. J. K. O.: aproveitem e debatam sobre a fome no mundo... onde os seus shorts de marca q custam 149 reais ou mais... poderiam alimentar muitas destas crianças! mas preocupar-se porq? **o importante é o PSOL e a LUCIANA GENRO achar outra acéfala intelectual para manobrar e criar o caos na instituição que abertamente defende o valores familiares e cristãos!** (sic)

M. H.: Todo esse esforço para poder por usar shortinho na escola!? Acho que na escola não seja o melhor lugar para se usar shortinho. **Poderiam utilizar toda essa união e determinação para algo mais útil para a sociedade...** Enfim, boa sorte na luta super importante de usar shortinho na escola de vocês *Emoticon smile*(sic)

Em resposta ao manifesto, na época, a escola divulgou uma nota oficial para a imprensa informando que estava “acompanhando a reivindicação dos alunos em trazerem para discussão temas da atualidade” e que estaria dialogando com a

comunidade escolar as questões em pauta “de acordo com seus princípios e valores bem como seu modo de proceder”⁹.

No dia 8 de março de 2016, as estudantes administradoras da fan page no Facebook publicaram que a escola, formalmente, via comunicado, decidiu que o uso do shortinho continuará proibido, conforme regras já instituídas. E complementam no trecho abaixo:

Aceitamos a nossa ""derrota"" e respeitamos a decisão do colégio, pois sim, é uma instituição privada que temos que nos submeter, embora seja e foi o nosso DIREITO pedir por uma mudança e manifestar nossa opinião. Todos sabemos que o movimento não foi em vão e todas nós estamos orgulhosas por todo o debate que causamos e toda a repercussão que tivemos, inclusive influenciando outros colégios e abrindo a cabeça de muitas pessoas. (sic)

Considerações finais

Com o objetivo de junto com evidências sociais identificar emoções na disputa política que envolveu o manifesto **Vai ter shortinho sim** em Porto Alegre/RS, buscamos nos estudos relacionados às emoções, um caminho de identificação de características dentro da interação da comunidade virtual relacionada ao movimento, considerando as relações afetivas diversas. E mais, procuramos localizar os anseios históricos das mulheres, visando a entender quais são as principais variáveis que estão em jogo nas reivindicações atuais. Em nossas análises, percebemos que as interações provocadas pelo manifesto podem fornecer pistas sobre sentimentos e valores sociais de uma forma mais ampla.

Algumas das emoções identificadas junto aos apoiadores transitaram em torno do orgulho, do pertencimento e até mesmo da honra. Todas no sentido de incentivo, continuação e reflexão em relação às questões levantadas pelo manifesto. De certa

⁹ FRAGA, Rafaella. **Alunas fazem mobilização pelo uso de shorts em escola de Porto Alegre**. G1 RS, Porto Alegre, 25 fev. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/02/alunas-fazem-mobilizacao-pelo-uso-do-shorts-em-escola-de-porto-alegre.html>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

forma, poderíamos descrever que nos comentários favoráveis, há o entendimento do movimento como uma “pequena grande ramificação” de uma causa maior.

A agressividade, contudo, predominou nos comentários daqueles classificados como não apoiadores. Ética e moral se confundem nos discursos. Ódio, raiva e desprezo buscam desqualificar a reivindicação das autoras do documento. Há um aspecto de julgamento e acusação, que mostra, inclusive, um certo desconhecimento em relação ao que está sendo dialogado.

O uso dos shortinhos continua vetado no Colégio Anchieta de Porto Alegre, todavia, o manifesto despertou um debate importante em torno de assuntos que clamam por discussões e aberturas, tanto no ambiente escolar quanto junto à comunidade. Percebemos que as instituições sociais orientam e supervisionam ancoradas em conhecimentos, como religião e racionalidades práticas. No entanto, dar-se conta do que é importante hoje dar continuidade ou ser repensado é uma atitude legítima e libertadora para todos. Os ambientes virtuais possibilitam muito isso, pois seu potencial é gigante como ferramenta social. No entanto, da mesma forma que unem e reverberam, despertam afetos que podem servir de termômetro para entender e melhor articular qualquer diálogo e participação em torno de alguma causa, ideia ou movimento.

Referências

AMARAL, Adriana. Redes sociais, linguagem e disputas simbólicas. In: **ComCiência**, 131, Campinas, 2011. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000700009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 abr. 2016.

BENDELOW, Gillian; WILLIAMS, Simon J. **Emotions in social life: critical themes and contemporary**. Londres, 1998.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FREIRE FILHO, João. **A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais**. Trabalho apresentado no XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-2085-1.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

FREIRE FILHO, João. **O circuito comunicacional das emoções:** a internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. Trabalho apresentado no 38º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2014 – Disponível em <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=9189&Itemid=217>. Acesso em: 13 abr. 2016.

FREIRE FILHO, João. **Seminário correntes da felicidade:** por uma análise cultural e política das emoções. Porto Alegre, PUCRS, 2016. (Comunicação oral)

GALETTI, Camila Carolina H..Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 18, 2014, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPe, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/533/771>> . Acesso em: 13 abr. 2016.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade:** a marcha das vadias no Brasil In: Revista Sociedade e Estado, v. 29, 2 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/07.pdf>>. Acesso em 14 abr. 2016.

SEIDLER, Victor Jeleniewski. Masculinity, violence and emotional life. BENDELOW, Gillian; WILLIAMS, Simon J. **Emotions in social life:** critical themes and contemporary. Londres, 1998, p. 191.

SERRANO-PUCHE, Javier. **Internet y emociones:** nuevas tendencias en un campo de investigación emergente. Revista Científica de Educomunicación - Comunicar, v. XXIV, 46, 2016. Disponível em: <<http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=46&articulo=46-2016-02>>. Acesso em: 13 abr. 2016.